

## **RESUMO DA ENCÍCLICA *FIDES ET RATIO* (14-IX-98)**

*(Palestra não original. Adaptada de guias preparados por vários autores, principalmente do prof. Esteve Jaulent))*

**"A Fé e a Razão (fides et ratio) constituem como que duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de o conhecer a ele, para que, conhecendo-o e amando-o, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio".**

-\_O anseio da verdade -não de uma verdade parcial, mas cabal- é algo que está presente no coração do homem desde o princípio. Como nos faz considerar o Papa logo no início da Encíclica, basta um simples olhar pela história antiga para ver com toda a clareza como surgiram simultaneamente, em diversas partes da terra e nas mais diferentes culturas as questões fundamentais da existência humana:

**"Quem sou? Donde venho e para onde vou? Por que existe o mal? O que existirá depois desta vida? Estas perguntas encontram-se nos escritos sagrados de Israel, mas aparecem também nos Vedas e no Avestá; achamo-las tanto nos escritos de Confúcio e Lao-Tse, como na pregação de Tirtankara e de Buda; e assomam ainda quer nos poemas de Homero e nas tragédias de Eurípidés e Sófocles, quer nos tratados filosóficos de Platão e Aristóteles. São questões que têm a sua fonte comum naquela exigência de sentido que, desde sempre, urge no coração do homem: da resposta a tais perguntas depende efetivamente a orientação que se imprime à existência."**

- Embora essa encíclica tenha sido dirigida aos Bispos e, através deles, aos teólogos e filósofos, sua mensagem interessa sem dúvida a todas as pessoas, ao homem da rua, pois é esse convite a pensar na verdade.

- Se nós não pensarmos, outros fatalmente pensarão por nós e marcarão as nossas idéias e padrões, quase que sem percebermos. Através dos slogans, da moda, etc., acaba por impor-se uma ideologia, uma espécie de filosofia simplista, sobre a qual não tivemos arte nem parte, e passamos a segui-la sem reflexão, como os bois seguem a manada.

- Vários filósofos, mesmo sem ter a fé católica, mostraram-se impressionados com esse documento, tal é a importância que ele dá à filosofia. O Papa chega a afirmar que a filosofia é uma das tarefas mais nobres da humanidade. Ao mesmo tempo, a Encíclica é muito respeitosa com a autonomia da filosofia, reconhecendo suas próprias regras e não a absorvendo na teologia,

- A Encíclica, portanto, vem a ser como uma chamada de atenção para uma situação atual de crise no pensamento e na cultura.

- Como se poderia explicar sinteticamente essa crise à qual a encíclica quer fazer frente?

- Por um lado, boa parte da própria filosofia contemporânea parece estar passando por uma crise importante: seus horizontes aparentemente foram encolhidos, pois ela já não se atreve a formular as questões essenciais da vida. Dá até a impressão de que se passou a desconfiar da capacidade racional do homem para responder aos grandes interrogantes.

- E o Papa diz que é preciso superar essa "falsa modéstia" para descobrir a autêntica sabedoria filosófica. **"Com falsa modéstia, contentam-se com verdades parciais e provisórias, deixando de tentar pôr as perguntas radicais sobre o sentido e o fundamento último da vida humana, pessoal e social. Em suma, esmoreceu a esperança de se poder receber da filosofia respostas definitivas a tais questões."**

- Por outro lado, verificou-se nas últimas décadas uma chamativa falta de uso da filosofia por parte da teologia. Notou-se uma tendência dos teólogos a apoiarem-se muito mais nas chamadas ciências humanas (psicologia, sociologia, etc.), deixando um pouco de lado a filosofia. Ora, sem uma correta racionalidade filosófica, a teologia pode facilmente ser mal compreendida.

- O Papa lamenta que, depois do Conc. Vaticano II (portanto, de 1965 para cá), o estudo da filosofia tenha como que caído em desuso.

- E a que se deveu esse abandono da filosofia por parte da teologia? De uma maneira simplificada se poderia dizer que, depois do Concílio, colocou-se toda a ênfase no texto bíblico, em ir às fontes, à tradição patrística, deixando de lado o arcabouço filosófico.

- Era algo talvez conveniente naquele momento, porque, generalizando um pouco, nos seminários às vezes se cultivava uma filosofia meio enferrujada, que cheirava a mofo, e era preciso renovar as perspectivas. Essa renovação foi buscada pelo caminho de enfatizar o texto bíblico, o que é uma coisa boa, mas que nunca deveria ter levado ao abandono da filosofia, pois a visão filosófica é sempre necessária -quer queiramos quer não- para entender as coisas.

- Por isso, o Papa afirma: **"Credenciada pelo fato de ser depositária da revelação de Jesus Cristo, a Igreja deseja reafirmar a necessidade da reflexão sobre a verdade. Foi por esse motivo que decidi dirigir-me a vós..., a fim de que todo aquele que tiver no coração o amor pela verdadeira sabedoria possa tomar a estrada certa para a alcançar, e nela encontrar repouso para a sua fadiga e também satisfação espiritual"**.

- E qual é o modelo de filosofia que o Papa propõe na Encíclica?

- O Papa não propõe uma determinada escola filosófica e chega mesmo a afirmar que não corresponde ao Magistério da Igreja sanar lacunas ou carências filosóficas. O Magistério simplesmente deve intervir quando alguma idéia filosófica discutível ameaça a reta compreensão da Revelação.

- O que sim faz a Encíclica é destacar o papel da filosofia grega, por ter dado o embasamento para a tradição filosófica cristã. A Igreja, durante vinte séculos,

assimilou e purificou o que tinha de bom e verdadeiro a filosofia greco-latina, até chegar a dispor de uma bagagem de conceitos realmente adequados a bem exprimir as verdades da fé. E isso é uma riqueza da qual não se pode prescindir.

- O Papa também volta a colocar S. Tomás de Aquino como modelo de união harmoniosa entre a fé e a razão e como exemplo de mente aberta. Ele estabeleceu um diálogo fecundo com o pensamento árabe e hebreu do seu tempo, demonstrando com fatos aquilo que ele mesmo costumava afirmar: que era necessário receber a verdade, viesse de onde viesse, sem preconceitos.

- Mas sublinhar a importância de preservar essas conquistas do pensamento filosófico aristotélico-tomista não significa uma atitude imobilista, já que o próprio Papa convida os filósofos, teólogos e a todos os homens e mulheres que trabalham no campo intelectual a continuar essa tarefa com base nos elementos positivos que hoje estão presentes nas diferentes culturas.

- O Papa pede aos filósofos que não fiquem só girando em torno dos modos de dizer; que não se limitem a remeter-se indefinidamente de uma interpretação para outra, num emaranhado de idéias que parecem afastar-se cada vez mais das realidades vitais do homem. Convida-os a irem à verdade das coisas e às questões de fundo.

- No n. 56, diz o Papa: **“Compreende-se que, num mundo dividido em tantos campos de especializações, se torne difícil reconhecer aquele sentido total e último da vida que tradicionalmente a filosofia procurava. Mas nem por isso posso, à luz da fé que reconhece em Jesus Cristo tal sentido último, deixar de encorajar os filósofos, cristãos ou não, a terem confiança nas capacidades da razão humana e a não prefixarem metas demasiado modestas à sua investigação filosófica. A lição da história deste milênio, quase a terminar, testemunha que a estrada a seguir é esta: não perder a paixão pela verdade última, nem o anseio de pesquisa, unidos à audácia de descobrir novos percursos. É a fé que incita a razão de sair de qualquer isolamento e a abraçar de bom grado qualquer risco por tudo o que é belo, bom e verdadeiro. Deste modo, a fé torna-se advogada convicta e convincente da razão.”**

- É um convite veemente a abrir-se à uma verdade realista, comprometedora. Uma filosofia que negue a possibilidade de um sentido último e global da vida, uma filosofia que repudie a pergunta pelo sentido da existência - como acontece com diversas correntes de pensamento como o relativismo, o nihilismo ou o historicismo-, é portanto inadequada e errônea do ponto de vista cristão.

- E o próprio Papa adverte nessa encíclica (n.81): **“Deve-se ter em conta que um dos dados mais salientes da nossa situação atual consiste na “crise de sentido”. Os pontos de vista, muitas vezes de caráter científico, sobre a vida e o mundo multiplicam-se tanto que estamos efetivamente assistindo à afirmação crescente do fenómeno da fragmentação do saber. É precisamente isto o que torna difícil, e frequentemente vã, a procura de um sentido. E, mais dramático ainda, neste emaranhado de dados e de fatos, ... , tantos se interrogam se ainda tem sentido pôr-se a questão do sentido. A pluralidade de**

**teorias não faz senão agravar esta dúvida, ... Em consequência disto, o espírito humano fica muitas vezes ocupado por uma forma de pensamento ambíguo, que o leva a encerrar-se ainda mais em si próprio... sem qualquer referência ao transcendente..."**

- Ou seja, João Paulo II chama-nos a atenção para o perigo de uma filosofia que, privada da questão do sentido da existência, acabe por levar-nos a abdicar da própria busca da verdade objetiva e, portanto, de Deus. E ele conclui esse parágrafo da Encíclica afirmando taxativamente que **"uma filosofia que quisesse negar a possibilidade de um sentido último e global seria não apenas imprópria, mas errônea."**

- E o Santo Padre não se limita a dizê-lo genericamente, mas se dá ao trabalho de resumir os erros de algumas dessas correntes de pensamento que estão mais em voga:

- **"Embora brevemente, considero oportuno deter-me sobre elas, para pôr em relevo os seus erros e conseqüentes riscos para a atividade filosófica.**

**A primeira aparece sob o nome de ecletismo, termo com o qual se designa o comportamento de quem, na pesquisa, na doutrina e na argumentação, mesmo teológica, costuma assumir idéias tomadas isoladamente de distintas filosofias, sem se preocupar com a sua coerência e conexão sistemática, nem com o seu contexto histórico..."**

- O tal ecletismo faz uma espécie de salada de frutas com pedacinhos dos mais variados tipos de filosofias, coisa que acaba por dar um resultado bastante indigesto. Além de incorrer num erro de método -pois isola algumas idéias sem preocupar-se com o seu contexto-, muitas vezes acaba também caindo no abuso retórico dos termos filosóficos -uma espécie de 'filosofês'-, que não favorece a busca da verdade nem educa a razão das pessoas a argumentar de forma séria e científica.

- Devemos, portanto, desconfiar dessa linguagem hermética e incompreensível empregada por alguns teólogos, que nem com toda a boa vontade deste mundo conseguimos entender sequer minimamente. Em vez de ficarmos com "complexo de burro", é mais razoável pensar que a coisa pode não estar correta ou bem explicada. Aliás, vários homens de relevo intelectual, sobre cujos ombros pesam graves responsabilidades na vida pública ou nas empresas privadas, costumam adotar como uma das suas normas de julgamento precisamente essa: a clareza e a simplicidade das soluções propostas.

- Ao lado do ecletismo há também o historicismo, cuja tese fundamental é estabelecer a verdade de uma filosofia com base na sua adequação a um determinado período e função histórica. E o Papa explica o seguinte:

**"Deste modo nega-se, pelo menos implicitamente, a validade perene da verdade. O que era verdade numa época, afirma o historicista, pode já não sê-lo noutra. Em resumo, a história do pensamento, para ele, reduz-se a uma espécie de achado arqueológico, a que recorre a fim de pôr em evidência posições do passado, em grande parte já superadas e sem significado para o tempo presente."**

- Este é um erro muito perigoso, que nós estamos cansados de encontrar em tantas argumentações atuais, que pretendem relativizar tudo, e mais notoriamente as questões morais. Por isso, o Papa continua explicando:

**"Ora, apesar de a formulação estar de certo modo ligada ao tempo e à cultura, deve-se considerar que a verdade ou o erro nela expressados podem ser, não obstante a distância espaço-temporal, reconhecidos e avaliados como tais."**

- Ou seja, não é a verdade que muda com o passar do tempo, mas simplesmente o modo de formulá-la ou a ênfase que se dá a algum dos seus aspectos.

- E o Papa continua a relacionar outras correntes errôneas de pensamento: **"Outro perigo a ser considerado é o cientificismo. Esta concepção filosófica recusa-se a admitir como válidas formas de conhecimento distintas daquelas que são próprias das ciências positivas, relegando para o âmbito da pura imaginação tanto o conhecimento religioso e teológico, como o saber ético e estético."**

- No fundo, o cientificismo é uma reedição do velho positivismo, adaptada à nossa era tecnológica. Assim como o positivismo considerava sem sentido qualquer afirmação de caráter metafísico, o cientificismo afirma que os valores não passam de simples produtos da emotividade. Segundo esse tipo de visão, a ciência acabará por dominar todos os aspectos da existência humana através do progresso tecnológico.

- O perigo desse erro pode resumir-se em 2 frases do Santo Padre no ponto n.88 da encíclica:

**"Infelizmente, deve-se constatar que o cientificismo considera tudo o que se refere à questão do sentido da vida como fazendo parte do domínio do irracional ou da fantasia..."**

**"Na mesma linha, ao pôr de lado a crítica que nasce da avaliação ética, a mentalidade cientificista conseguiu fazer com que muito aceitassem a idéia de que aquilo que se pode realizar tecnicamente, torna-se por isso mesmo também moralmente admissível".**

- Ou seja: É viável tecnicamente fazer a clonagem humana? Então isso é moralmente válido! E assim por diante.

- E o Papa prossegue na sua enumeração: **"Portador de perigos não menores é o pragmatismo, atitude mental própria de quem, ao fazer as suas opções, exclui o recurso a reflexões abstratas ou a avaliações fundadas sobre princípios éticos."**

- Que conseqüências negativas pode trazer o pragmatismo? Muitas. A Encíclica cita como exemplo essa concepção peculiar de democracia, que não se baseia em nenhum fundamento axiológico, ou seja, de valores morais, mas que se limita a decidir as coisas com base na maioria de votos. É como uma estrada sem nenhum tipo de demarcação ou de limites. Não há faixas, não há acostamento, não há

guard-rail nem nada. O piloto decide em cada momento e sem referenciais objetivos para onde dirigir o carro!

- Segundo a visão pragmática, um comportamento será admissível ou não dependendo do que decida a maioria parlamentar. Deste modo, as grandes decisões morais do homem vão ficando subordinadas na prática às deliberações que os órgãos institucionais vão assumindo pouco a pouco. E qual é o limite para isso? Simplesmente não há limite, pois também é a maioria de votos quem decidirá o limite ou o ampliará na hora em que lhe aprouver!

- Desaparecem, assim, os grandes dilemas éticos, as análises existenciais e, obviamente, os princípios morais naturais e cristãos: tudo se decide no voto da maioria: o bem e o mal! Até parece a reedição moderna do pecado original. Eva foi sem dúvida a primeira pragmática do gênero humano (*Sereis como deuses, conhecedores (definidores) do bem e do mal*).

- E para fechar esse resumo, o Santo Padre faz referência ao nihilismo, apontando-o como uma espécie de condensado de tudo o que há de mais negativo em todas essas correntes filosóficas de que já se falou. Diz João Paulo II:

**"As teses examinadas até aqui conduzem, por sua vez, a uma concepção mais geral, que parece constituir hoje o horizonte comum de muitas filosofias que não querem saber do sentido do ser. Estou a referir-me à leitura nihilista, que é a rejeição de qualquer fundamento e simultaneamente a negação de toda a verdade objetiva. O nihilismo, antes mesmo de estar em contraste com as exigências e os conteúdos próprios da palavra de Deus, é a negação da humanidade do homem e também da sua identidade."**

- O nihilismo corrompe o próprio fundamento da liberdade do homem.

- Ao perder o contato com a realidade do ser, perde-se o contato com a verdade objetiva e, conseqüentemente, com o fundamento sobre o qual se apóia a dignidade do homem, os traços que revelam a sua semelhança com Deus. E, como conclui o Papa: **"Uma vez que se privou o homem da verdade, é pura ilusão pretender torná-lo livre. Verdade e liberdade, com efeito, ou caminham juntas, ou juntas miseravelmente perecem."**

- Essa interdependência essencial entre verdade e liberdade talvez se entenda um pouco melhor com um exemplo. Hoje em dia ficou evidente que uma pessoa que não tenha acesso à informação não pode fazer nada e fica à mercê dos outros. Algo parecido se pode dizer sobre a necessidade de conhecer a verdade para exercitar a liberdade. Sem a verdade radical, que tem a ver com o sentido da vida, a liberdade humana não encontra a maneira de exercitar-se. Só se eu sei para quê estou aqui e para onde vou é que poderei mover-me coerentemente. Caso contrário, chegarei à crise de sentido, ao desespero, que menciona a Encíclica, ou à manipulação tecnológica que, sem a verdade, o Papa aponta como uma das ameaças mais sérias do nosso tempo: Ouçamos ao Papa:

**"De algum modo, este nihilismo encontra sua confirmação na terrível experiência do mal que caracterizou a nossa época. O otimismo racionalista que via na história o avanço vitorioso da razão, fonte de**

**felicidade e de liberdade, não pôde resistir em face da dramaticidade de tal experiência, a ponto de uma das maiores ameaças, neste final de século, ser a tentação do desespero."**

- Embora o Papa indique todos esses erros e limitações do pensamento filosófico, a mensagem de fundo de toda a Encíclica é eminentemente positiva no sentido de provocar e animar os filósofos a atreverem-se a metas mais ambiciosas. Dá como que uma sacudida otimista a toda essa filosofia atual um pouco deprimida, convidando-a a olhar mais para o alto e mais para o fundo da realidade.

- O Papa não enfoca a fé e a razão como dois momentos consecutivos e separados: "até este ponto chega a razão e a partir daqui começa a fé". Não. O que ele faz ao longo de toda a Encíclica é sublinhar o caráter de "circularidade", de "feedback" entre razão e fé.

- Um ponto sugestivo, que ajuda a compreender isso é aquele que indica o Papa quando considera dois aspectos do homem: um ser que busca a verdade e, ao mesmo tempo, um ser que vive de crenças. Todo homem busca a verdade, uma verdade definitiva e que dê sentido à sua vida. Mas não é uma busca puramente racionalista, já que o homem também se fia na palavra de outras pessoas. E o Papa chega a afirmar que muitas vezes esse fiar-se de uma pessoa é humanamente mais rico do que a pura evidência racional individual.

- Numa palavra: uma razão sem fé empobrece-se, estreita-se e finalmente naufraga. E a fé sem a razão acaba por reduzir-se a sentimentos, mitos ou superstições.

- A Encíclica, longe de levantar uma oposição dialética entre fé e razão, afirma que são efetivamente as duas asas que permitem ao ser humano voar.

- Nesse sentido, são muito impressionantes algumas linhas do texto da Encíclica, já no seu capítulo conclusivo. Vale a pena ouvi-las com atenção, pois são o melhor resumo e o melhor fecho para estas considerações:

**"...a Igreja continua profundamente convencida de que fé e razão 'se ajudam mutuamente', exercendo, uma em prol da outra, a função tanto de discernimento crítico e purificador, como de estímulo para progredir na investigação no aprofundamento...**

**"... A teologia, que recebeu o dom de uma abertura e originalidade que lhe permite existir como ciência da fé, fez seguramente com que a razão permanecesse aberta diante da novidade radical que a revelação de Deus traz consigo. E isto foi, sem dúvida alguma, uma vantagem para a filosofia, que, assim, viu abrirem-se novos horizontes apontando para sucessivos significados que a razão está chamada a aprofundar..."**

**"... À luz destas exigências profundas, inscritas por Deus na natureza humana, aparece mais claro também o significado humano e humanizante da palavra de Deus. Graças à mediação de uma filosofia que se tornou também verdadeira sabedoria, o homem**

**contemporâneo chegará a reconhecer que será tanto mais homem quanto mais se abrir a Cristo, acreditando no Evangelho."**

- Pensemos na grave responsabilidade que temos de estudar a fundo, para transmitir aos outros a autêntica doutrina cristã.